



# A Santa Sé

---

SOLENNIDADE DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO APÓSTOLO

**CELEBRAÇÃO DAS SEGUNDAS VÉSPERAS**

**LVIII SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS**

***HOMILIA DO PAPA FRANCISCO***

*Basílica de São Paulo Extramuros*

*Sábado, 25 de janeiro de 2025*

**[Multimídia]**

---

Jesus chega a casa das suas amigas Marta e Maria, quando o irmão destas, Lázaro, se encontrava morto já há quatro dias. Toda a esperança parece perdida, de tal modo que as primeiras palavras de Marta exprimem a sua tristeza e, simultaneamente, a sua consternação porque Jesus veio tarde demais: «Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido» (Jo 11, 21). Porém, a chegada de Jesus acende, ao mesmo tempo, a luz da esperança no coração de Marta e leva-a a fazer uma profissão de fé: «Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá» (v. 22). É aquela atitude de deixar sempre a porta aberta, nunca fechada! E Jesus, com efeito, anuncia-lhe a ressurreição dos mortos não apenas como um acontecimento que terá lugar no fim dos tempos, mas como algo que já acontece no presente, porque Ele próprio é ressurreição e vida. E, depois, faz-lhe uma pergunta: «Crês nisto?» (v. 26). Essa pergunta é também para nós, para ti, para mim: “Crês nisto?”.

Detenhamo-nos também nesta interrogação: «Crês nisto?» (v. 26). É uma pergunta concisa, mas exigente.

Este terno encontro entre Jesus e Marta, que escutámos no Evangelho, ensina-nos que, mesmo nos momentos de desolação, não estamos sós e podemos continuar a ter esperança. Jesus dá vida, mesmo quando parece que toda a esperança desapareceu. Depois de uma perda dolorosa,

uma doença, uma amarga desilusão, uma traição ou outras experiências difíceis, a esperança pode vacilar; mas, embora cada um de nós viva momentos de desespero ou encontre pessoas que perderam a esperança, o Evangelho diz-nos que com Jesus a esperança renasce sempre, porque Ele sempre nos reergue das cinzas da morte. Jesus nos reergue sempre, dando-nos a força para retomar o caminho e recomeçar.

Queridos irmãos e irmãs, nunca esqueçamos disso: a esperança não desilude! A esperança nunca desilude! A esperança é aquela corda com a âncora à qual, na praia, nos agarramos. E isso nunca desilude! Isto é importante também para a vida das Comunidades cristãs, das nossas Igrejas e relações ecuménicas. Por vezes, sentimo-nos esmagados pelo cansaço, desanimamos perante os resultados do nosso esforço, parece-nos até que o diálogo e a colaboração entre nós não têm esperança, estão condenados quase à morte, e tudo isto faz-nos experimentar a mesma angústia de Marta. Mas, o Senhor vem. Acreditamos nisto? Acreditamos que Ele é ressurreição e vida? Que toma as nossas fadigas e nos dá sempre a graça de retomar, juntos, o caminho? Acreditamos nisto?

Esta mensagem de esperança está no centro do Jubileu que iniciámos. O apóstolo Paulo, cuja conversão a Cristo recordamos hoje, dizia aos cristãos de Roma: «A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm 5, 5*). Todos nós – todos! – recebemos o mesmo Espírito, e este é o fundamento do nosso caminho ecuménico. É o Espírito que nos guia neste caminho. Não se trata de coisas práticas que fazem com que nos compreendamos melhor. Não, o Espírito é presente, e temos de seguir sob a orientação desse Espírito.

E este Ano jubilar da esperança, celebrado pela Igreja católica, coincide com uma efeméride de enorme significado para todos os cristãos: o aniversário dos 1700 anos do primeiro grande Concílio ecuménico, o Concílio de Niceia. Este Concílio esforçou-se por preservar a unidade da Igreja num momento muito difícil, e os Padres conciliares aprovaram por unanimidade o Credo que muitos cristãos ainda hoje recitam todos os domingos durante a Eucaristia. Este Credo é uma profissão de fé comum que vai para além de todas as divisões que feriram o Corpo de Cristo ao longo dos séculos. Portanto, o aniversário do Concílio de Niceia representa um ano de graça e uma oportunidade para todos os cristãos que recitam o mesmo Credo e acreditam no mesmo Deus: recuperemos as raízes comuns da fé, preservemos a unidade! Sempre em frente! Aquela unidade que todos nós queremos alcançar, que desejamos que aconteça. Não vos lembrais do que um grande teólogo ortodoxo, Ioannis Zizioulas, costumava dizer: “Sei quando será a data da plena unidade: no dia a seguir ao Juízo Final?” Mas, por agora, temos de caminhar juntos, trabalhar juntos, rezar juntos, amar-se juntos. E isso é muito bonito!

Queridos irmãos e irmãs, esta fé que partilhamos é um dom precioso, mas é também um desafio. Com efeito, o aniversário não deve ser celebrado apenas como “memória histórica”, mas também como compromisso de testemunhar a crescente comunhão entre nós. Devemos encontrar o

modo para não a deixar fugir, para construir laços sólidos, para cultivar a amizade recíproca, para ser tecelões de comunhão e fraternidade.

Nesta Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, também podemos viver o aniversário do Concílio de Niceia como um convite a perseverar no caminho rumo à unidade. De modo providencial, este ano, precisamente durante o aniversário ecuménico, a Páscoa será celebrada no mesmo dia tanto no calendário gregoriano como no juliano. Renovo o meu apelo para que esta coincidência sirva de estímulo a todos os cristãos para darem resolutamente um passo rumo à unidade, em torno duma data comum, uma data para a Páscoa (cf. Bula *Spes non confundit*, 17); e a Igreja Católica está disposta a aceitar a data que todos quiserem estipular: uma data da unidade.

Agradeço a presença do Metropolita Policarpo, em representação do Patriarcado Ecuménico; do Arcebispo Ian Ernest, em representação da Comunhão Anglicana e a concluir o seu valioso serviço, pelo qual lhe estou muito grato; – desejo-lhe as maiores felicidades quando regressar à sua terra natal – e dos representantes de outras Igrejas que participam no sacrifício de louvor desta tarde. É importante rezarmos juntos, e a vossa presença aqui esta tarde é uma fonte de alegria para todos. Saúdo também os estudantes apoiados pela Comissão para a Colaboração Cultural com as Igrejas Ortodoxas e Ortodoxas Orientais do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, os participantes na visita de estudo do Instituto Ecuménico de Bossey do Conselho Mundial de Igrejas e os muitos outros grupos ecuménicos e peregrinos que vieram a Roma para esta celebração. Agradeço ao coro, que nos proporciona um ambiente de oração tão bonito. Que, como São Paulo, cada um de nós possa encontrar a própria esperança no Filho de Deus encarnado e a ofereça aos outros onde ela se tenha desvanecido, onde as vidas tenham sido despedaçadas ou onde os corações tenham sido esmagados pela adversidade (cf. *Homilia de abertura da Porta Santa e Santa Missa na noite de Natal*, 24 de dezembro de 2024).

Em Jesus, a esperança é sempre possível. Ele sustenta também a esperança do nosso caminho comum na sua direção. Surge, por isso, de novo a pergunta feita a Marta e, nesta tarde, a cada um: “Crês nisto?”. Acreditamos na comunhão entre nós? Acreditamos que a esperança não desilude?

Queridas irmãs, queridos irmãos, este é o momento de confirmar a nossa profissão de fé no único Deus e encontrar em Cristo Jesus o caminho da unidade. Enquanto esperamos que o Senhor venha «em sua glória, para julgar os vivos e os mortos» (cf. *Credo Niceno*), nunca nos cansemos, diante dos povos, de dar testemunho do Filho unigénito de Deus, fonte de toda a nossa esperança.